



‘encadeirada’, onde uma criança senta na cadeira e olha para o quadro, não funciona. Ela não vai aprender, ela não vai se desenvolver. Ela precisa de práticas lúdicas, enriquecidas, estimulantes, adequadas para sua etapa da vida.

O que garante uma educação de qualidade nessa etapa do ensino?

Muita gente pensa a qualidade de educação infantil como algo utópico. Não é. Existem quatro elementos. O primeiro é você ter a infraestrutura adequada. Depois, você tem de ter materiais adequados, porque não é colocar a criança para aprender números e letras na educação infantil que vai fazê-las lerem melhor, entende? Está comprovado isso. Precisamos exercitar esse lado criativo, investigativo, lúdico, da brincadeira, da experiência com a natureza. Isso é qualidade, não a gente escolarizar as crianças na educação infantil. E aí você tem outros dois componentes que são de qualidade e que pais e mães nem sempre conseguem avaliar. O professor, que é a chave de qualquer etapa da educação. Você tem de ter professores qualificados para aquela etapa da vida, entendendo o que está acontecendo com a criança, qual é esse pico de desenvolvimento tão fenomenal, extraordinário, importante, para oferecer acolhimento, a possibilidade de identificar sentimentos, não ter televisão em sala de aula. Precisamos olhar para esses detalhes e perguntar para o professor, no dia a dia, qual é a formação dele, o que ele acredita que é a educação infantil, quais são as expectativas, fazer essa investigação com o professor. O quarto elemento são práticas lúdicas enriquecidas, adequadas à Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil.

Como a escolarização dos pais influencia o cuidado na primeira infância? Há uma perspectiva

Antonio Cruz/Agência Brasil



Mariana Luz na cerimônia de sanção da PNPI, com o presidente Lula e ministros de Estado

de que haja melhora nas próximas gerações?

Eu tenho o entendimento de que tem melhorado, mas as pesquisas jogam um balde de água fria nessa minha hipótese. Eu acho que tem melhorado, aumentado o reconhecimento dessa etapa, mas é ainda algo distante de todo mundo entender. A maioria ainda acha que a escola é um lugar só para deixar as crianças e os pais poderem trabalhar — o que é importante também. Mas a creche é também um lugar de segurança alimentar. A criança que está o dia inteiro na creche faz até cinco refeições por dia. Ela é um lugar de proteção, porque se o ambiente da casa é violento, ela está fora desse ambiente violento durante o dia e a professora e a escola são os principais canais de denúncia para violação de direitos. Mas eu ainda acho que temos avançado muito.

Como o cuidado nos primeiros anos de vida pode ajudar a combater problemas de saúde mental?



“Não é colocar a criança para aprender números e letras na educação infantil que vai fazê-las lerem melhor. Precisamos exercitar esse lado criativo, investigativo, lúdico”

Minha sensação com a primeira infância é de que todo mundo não torna a primeira infância urgente, justamente porque todo mundo acha que ela é o futuro apenas. E é o contrário: ela é o agora. Essa coisa de que a criança é o futuro, é o amanhã, fica muito longe, e aí ninguém entende a importância

do hoje, de ser prioridade, de estar no orçamento, de cuidar. Fica nessa esperança de um amanhã que não chega. O lance é que os retornos são rápidos na primeira infância. Falando de saúde mental, hoje você tem picos de muitas doenças que, em sua maioria, são causadas pelo ambiente — por alguma questão familiar, uma gravidez indesejada ou estressada, ou um ambiente violento, com sobrecarga — onde essa possibilidade de formar um vínculo com amor, com afeto, com carinho, não foi dada a esses pais. E, na medida em que ela não é dada aos pais, o pai não tem condição de oferecer para criança. Então, o desafio de saúde mental tem relação com cuidar de quem cuida. Significa ativar a rede de apoio, ativar esse espírito de comunidade, onde todas as crianças são nossa responsabilidade, onde a gente preza pelo básico, que é o bem-estar meu, seu, de todos nós e do outro, sabe? Existem inúmeros estudos e evidências que mostram a correlação que uma primeira infância bem vivida é

melhor para a saúde, é menos doença crônica e menos problema de saúde mental. Não é uma hipótese, são evidências absolutamente correlacionadas e diretamente interligadas.

Quais os riscos que a internet oferece para as crianças sob essa perspectiva?

Imensos. A Política (Nacional Integrada da Primeira Infância) não trata disso, mas a gente acabou de aprovar o ECA Digital, que olha justamente para oferecer esses limites, regras e obrigações para as empresas responsáveis pelas redes. O que defendemos na Fundação Maria Cecília Souto Vidigal e que a nossa última pesquisa trouxe, além de acompanhar e de apoiar o movimento do ECA Digital, é seguir o que indica a Sociedade Brasileira de Pediatria. Zero tela até os 2 anos de idade, e tela é celular, iPad, televisão, computador. E não é à toa, tem estudos que baseiam isso. Esse é o pico do desenvolvimento no início da vida. E é o momento em que você tem que formar vínculo com a criança. Tudo isso acontece nesses primeiros mil dias, é o que podemos chamar de primeiríssima infância. Depois, a Sociedade Brasileira de Pediatria diz: uma hora por dia até os 5 anos — e mediada por um adulto. E, contextualizando, só para não parecer que estamos sendo duros com os pais, a gente sabe que, muitas vezes, essas tecnologias funcionam como um apoio para quem está lutando para sobreviver. Não estamos aqui culpando ninguém. Mas é igual ao cinto de segurança. Se você faz a sociedade entender, ver que isso é pior para o teu filho, que vai dar menos oportunidade, que vai, ao contrário, tirar a renda dele, tirar a oportunidade de quebrar a pobreza intergeracional, eu acho que a gente tem força. E é possível. Agora, precisa educar os pais também. Não adianta tirar da criança e deixar pai e mãe no celular o tempo todo. Eu sempre falo isso também. Então é um processo, e um processo coletivo.